

Berlim, abril de 2007. A chegada na capital alemã foi antecedida por um período de seis meses em Paris, onde acompanhei minha esposa no início de seu doutorado, e uma estadia de dois meses em Dresden, onde participei de um curso intensivo de alemão no Instituto Goethe local. O curso foi financiado pelo DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst), agência que financia também meus estudos na Alemanha através de uma bolsa de doutorado integral.

Berlim parece, aos olhos do historiador contemporâneo, a síntese do século passado. Nenhuma cidade no mundo sentiu o peso das guerras ideológicas do século XX como a antiga capital da Prússia. Mesmo com o fim da Segunda Guerra Mundial e a polarização hemisférica dela consequente, Berlin aparece como a *pièce de resistance* de um eurocentrismo caducante. Seu muro, cujo aniversário de queda foi amplamente celebrado no outubro último, produziu marcas indelévels em sua população. Não apenas na economia de uma cidade que se define como “pobre, mas sexy” (*arm, aber sexy*), mas também (e talvez principalmente) no modo do berlinense encarar o próprio berlinense. O conflito latente entre Ossi (moradores dos bairros da antiga Berlin Oriental) e Wessi (moradores da Berlin Ocidental) ainda ocupa um espaço significativo no imaginário desta cidade controversalmente cosmopolita.

Essas contradições intrínsecas à cidade se refletem também no campo acadêmico. Uma rivalidade institucional velada entre duas das maiores universidades alemãs – a Humboldt e a Freie Universität – se desenrola nos campi berlinenses. Esta rivalidade estava ainda mais evidente em 2007, quando iniciei meus estudos na FU, graças a um programa de excelência do governo nacional que visava fornecer incentivos financeiros às universidades com melhor desempenho em diferentes aspectos das diferentes áreas do conhecimento. A disputa acabou sendo vencida pela Freie Universität, para surpresa de muitos que davam como certa a vitória da tradicional Humboldt. Meu primeiro contato com a nova “Elite-Uni” ocorreu no departamento de apoio ao estudante estrangeiro, onde me apresentei como estudante bolsista e recebi as primeiras informações sobre a vida universitária em Berlin.

O estranhamento foi imediato: o campus da FU não é composto de prédios gigantescos alinhados e que dão, em geral, o aspecto institucional e formal a uma universidade. A universidade foi constituída utilizando casas (ou *Villen*, como chamam os alemães em sua especificidade linguística) desapropriadas pelos americanos no

---

<sup>1</sup>Historiador, doutorando em Ciências Políticas pela Freie Universität Berlin e bolsista do DAAD – Deutscher Akademischer Austauschdienst.

período de ocupação, o que de certa forma camufla a universidade em meio a uma região ainda habitacional. No verdejante domínio de Dahlen, no sudoeste de Berlim, os departamentos são identificados por placas colocadas juntos às caixas de correio das antigas residências. Na maior parte das vezes um departamento ocupa mais de uma construção, provocando um trânsito intenso de estudantes e professores nas intrincadas ruas da região. Existem ainda os departamentos e institutos que ocupam prédios modernos e imponentes, como é o caso do Instituto Otto-Suhr de Ciências Políticas, onde desenvolvo minha pesquisa. De fato, a localização do OSI é diferenciada, não apenas por ser de fácil reconhecimento, mesmo à distância, mas também pela proximidade com a biblioteca universitária central.

A estrutura da universidade acaba se mostrando o diferencial na formação de seus alunos, que dispõem de múltiplas bibliotecas e centros de pesquisa dentro do campus. E aqui, para expurgar qualquer vestígio de complexo de inferioridade colonial que ainda possa advir, o que se observa não é uma qualidade diferenciada no material humano, mas um acesso amplo e irrestrito aos meios de formação. No caso das bibliotecas, por exemplo, as regras de utilização variam (algumas não permitem o empréstimo de seus volumes, outras o permitem apenas nas sextas-feiras para leituras de final de semana com devolução agendada para a segunda-feira seguinte, e existem ainda outras que seguem a política que normalmente é seguida no Brasil de empréstimo global com exceção de obras raras), mas o acesso à informação é garantido pelo grande volume de obras e sua (boa) conservação. Apenas como exemplo, em minha pesquisa eu tive a oportunidade de utilizar cinco bibliotecas de diferentes departamentos da universidade (Filologia, Ciências da Educação, História, História da Arte e Ciências Políticas) além da biblioteca central da universidade e as duas casas da biblioteca nacional em Berlim. O fato de cada uma delas adotar uma política diferente provocou não apenas alguns desencontros no início, mas principalmente o hábito de consultar as obras nas próprias bibliotecas.

O tratamento dos professores para com os estudantes em pouco difere do Brasil. Talvez os professores brasileiros sejam mais receptivos, de maneira geral, em um primeiro contato. Mas assim como as torres de marfim estão longe de serem raras na academia brasileira, também por aqui elas existem. Em Berlim tive a sorte de contar com três professores-orientadores que fizeram minha adaptação ao novo ambiente mais tranquila: o professor Hajo Funke, o *Privatdozent* Wolfgang Heuer e o professor Ralf Bohnsack.

O primeiro com quem tive contato foi Wolfgang Heuer, ainda quando estudante da Universidade Federal do Paraná. Dele recebi apoio entusiasmado ao meu projeto desde nossa primeira conversa no ano de 2002. Ele teve participação tanto no

processo de candidatura quanto no desenvolvimento da tese, especialmente no que tange sua área de especialização: a teoria política de Hannah Arendt. Mas não apenas as suas valiosas contribuições acerca do fenômeno do Totalitarismo e da filosofia arendtiana tiveram importância neste período, mas também as conversas informais sobre os mais variados assuntos, desde relatos de viagens, passando pela ascensão e queda do império boêmio até a questão fundamental do futebol. Durante todo o período de trabalho o professor Heuer se empenhou em fazer o processo de adaptação ao novo ambiente mais tranquilo. Ele foi também responsável pela apresentação de meu trabalho aos outros dois orientadores desta pesquisa.

Hajo Funke, professor do Instituto Otto-Suhr de Ciências Políticas da FU-Berlin foi contactado pelo professor Heuer ainda antes de minha viagem para a Alemanha. Funke acabou por aceitar a responsabilidade de ser o diretor da tese, ou seja, o orientador oficial. Tive a oportunidade de frequentar seu “laboratório”, no qual seus orientandos se reúnem quinzenalmente para apresentar seus trabalhos. As evoluções e as dificuldades de cada um são focadas nos trabalhos conduzidos pelo professor. As discussões, entretanto, têm uma natureza bastante descontraída, especialmente considerando a tensão natural causada pela hierarquia explícita e o ego acadêmico implícito.

Frequentei também, por mais tempo e de forma mais ativa, a “oficina” organizado pelo professor Ralf Bohnsack, meu terceiro orientador. Ao contrário dos encontros organizados pelo professor Funke, que se desenrolavam sobre uma temática aberta, aqui o tema central é a metodologia de trabalho, mais especificamente o método documentário, desenvolvido pelo próprio Bohnsack<sup>2</sup>. Além das discussões serem mais especializadas, a própria dinâmica do *Forschungswerkstatt* é mais formal e organizada. Os relatos e as apresentações das experiências têm de ser enviadas ao menos uma semana antes da exposição, a fim de que as discussões possam ser mais proveitosas. Além disso, os participantes não são apenas orientandos do professor Bohnsack, mas pesquisadores atuantes, na maior parte das vezes já doutores, que buscam uma metodologia qualitativa para desenvolver seus trabalhos.

Com os dois últimos tive ainda a experiência de frequentar suas *Sprechstunden*, que são momentos específicos durante a semana reservados para conversas com os professores. Não são horas marcadas individualmente, mas períodos de uma a duas horas nos quais o público em geral tem acesso a eles. Assim, alunos e orientandos têm de disputar os minutos com outros interessados no trabalho do professor. Frequentemente as duas horas não são suficientes para atender a todos,

---

<sup>2</sup> O método documentário pode ser encontrado no Brasil na tradução de um dos textos do próprio Bohnsack (2007) e nos trabalhos de Wivian Weller (2004, 2005a, 2005b).

fazendo com que alguns tenham que voltar na semana seguinte ou, em casos especiais, marcar um horário específico e individual. Os estudantes são sempre atendidos em ordem de chegada, ainda que alguns professores disponibilizem listas de inscrição para suas *Sprechstunden* nas semanas anteriores. Estes momentos acabam por se mostrar também importantes na construção dos relacionamentos dos professores com os estudantes. De fato, muitas vezes (e especialmente no início da relação) as reuniões não passam de dez minutos, algumas sendo encerradas ainda mais rapidamente. Com um bom desenrolar, tanto da pesquisa ou dos estudos, quanto das conversas, ou seja, com a conquista da confiança, o tempo acaba sendo prorrogado naturalmente, pois a conversa acaba fluindo também mais livremente. As possíveis dificuldades iniciais acabam sendo assim recuperadas com o trabalho e com o tempo.

A estrutura acadêmica é também bastante flexível quanto à orientação. Por certo cada aluno tem seu orientador (ou orientadores), e este é a base principal do trabalho, como acontece no Brasil. Mas diferente da Academia brasileira, onde o orientador praticamente detém a exclusividade nas sugestões de leituras e de caminhos metodológicos, na Alemanha os alunos são incentivados a também conversar com outros professores e pesquisadores, mesmo que estes estejam em outras instituições ou cidades. Quando o assunto tratado na tese foge da área de *expertise* do orientador, ele não apenas sugere livros para tentar ajudar na superação de um problema, mas, fornece também, contatos de especialistas e colegas que trabalhem com temas semelhantes. Cabe ao aluno, claro, a apresentação de seu trabalho e do problema colocado ao outro professor, que frequentemente aponta caminhos e sugestões oportunas para o desenvolvimento do trabalho.

Também os meios de apoio à pesquisa e ao pesquisador aqui disponíveis foram uma surpresa positiva. Não apenas pela variedade de possibilidades ofertadas aos estudantes alemães e estrangeiros, dentre as quais DAAD e Erasmus figuram como principais, mas principalmente pelo preparo e competência dos funcionários destes programas. Minha experiência com o DAAD foi a melhor possível. Seus funcionários sempre buscaram me proporcionar tranquilidade e todos os meios necessários para que eu desenvolvesse minha pesquisa da melhor maneira. A valorização do papel destes funcionários só acontece, infelizmente, quando entramos em contato com bolsistas e pesquisadores de outras agências que, por despreparo ou falta de conhecimento, acabam por prejudicar antes de auxiliar o trabalho destes pesquisadores.

Toda esta estrutura e competência, entretanto, nem sempre são acompanhadas por boas experiências. Como já colocado, tive sorte nestes aspectos, mas a fortuna não sorri para todos. A sociedade alemã é uma das mais complexas do mundo e, como tal, produz pessoas e comportamentos os mais variados. A pesquisa de uma

colega, Magda Tartakowska<sup>3</sup>, busca mapear as dificuldades que estudantes estrangeiros enfrentam na diversificada academia alemã. Seus resultados por vezes são perturbadores. Para além das manifestações de racismo descabido nas ruas – e elas, ainda que raras, acontecem em boa parte da Europa – ela constatou focos de resistência a estudantes e pesquisadores estrangeiros e, em alguns casos, um racismo travestido de colonização acadêmica. Esse foi o caso de um dos profissionais por ela analisados. Hoje já um professor estabelecido na academia alemã, este estrangeiro relatou uma briga que teve ainda no início de sua vida profissional, quando professor assistente em uma universidade alemã. Após alguns desentendimentos, seu superior exclamou: “Lembre-se de onde você veio!”.

Mais que uma ameaça – e longe de ser a regra –, a fala do superior aponta para uma questão ainda mal resolvida na Alemanha. O auto-policamento constante de comentários sobre outros países e etnias por parte da população é, antes de um comportamento politicamente correto, resultado de uma tentativa dos alemães de mudança da imagem nacional perante o mundo (e também perante eles mesmos). Ainda que manifestações como a aqui descrita possam ocorrer em qualquer lugar do mundo, na Alemanha elas remetem imediatamente ao período negro do Terceiro Reich. O peso disso é gigantesco e por isso mesmo, quando ocorre algo assim, costuma ser prontamente recriminado. Mas o fato de poder ocorrer em um ambiente universitário e voltado à diversidade cultural, entre uma pretensa elite intelectual e econômica, é que chama a atenção. As redes de televisão transmitem diariamente documentários e debates sobre o nacional-socialismo e os crimes cometidos em seu nome. Livros que denunciam e recriminam o racismo são publicados em grandes quantidades. A superexposição a esse tema parece clamar por uma constante culpabilização, construindo um grande salão de espelhos onde a imagem de todo um povo é refletida.

Neste ambiente de perene reflexão acerca de um passado ainda presente é que desenvolvo minha tese de doutorado. O tema está intrinsecamente relacionado a esta realidade, e talvez por isso mesmo meu trabalho tenha sido recebido com interesse nas várias vezes em que tive a oportunidade de apresentá-lo. O papel das charges na arena política é o tema central desta dissertação e o caso de estudo são as charges do semanário alemão *Der Stürmer*, de viés nacional-socialista. As imagens nestas fontes e a dinâmica nelas apresentada revelam características importantes não apenas dos sistemas e momentos políticos que a publicação atravessou (a República de Weimar e a ditadura nazista, desde o seu início até a sua queda, com a derrota alemã na Segunda Guerra Mundial) e da atuação da imprensa nestes ambientes, mas também – e

<sup>3</sup> Tese ainda em desenvolvimento: TARTAKOWSKA, Magda. Soziale Identitäten der Hochschullehrer/innen und Wissenschaftler/innen mit Migrationshintergrund in Deutschland (Identidade Social dos Estudantes Universitários e Pesquisadores com Antecedentes Migracionais na Alemanha).

principalmente – da sociedade alemã das décadas de 1920 a 40. O foco recai, portanto, não apenas nas representações presentes nas charges, mas especialmente em “como”<sup>4</sup> essas imagens são construídas e se apresentam a seu público.

Este olhar reconstrutivista é importante por proporcionar um mapeamento das dinâmicas sociais, das estruturas mentais e da práxis que circundam uma sociedade ou um grupo social. É uma forma de buscar compreender aquilo que os números das estatísticas e dos gráficos escondem e que as porcentagens camuflam: o fator humano e a sua diversidade. A grande maioria dos pesquisadores aqui concorda com esta visão. Não se pesquisa em humanidades sem primar pela sutileza dos afetos e dinâmicas sociais.

Mais controversas são as opiniões sobre o estudo de imagens para além do campo da História da Arte. Ainda são numerosas as opiniões de que uma imagem pode ser facilmente manipulada ou de que, como Karl Popper (2007) colocou, para que uma realidade social tenha relevância científica ela precisa ser encontrada em forma textual (*Protokollsätzen*). Também é ainda bastante presente a idéia de que uma imagem, por sua polissemia, pode ser interpretada de forma equivocada, especialmente se o pesquisador se encontra afastado espaço-temporalmente da sociedade produtora da imagem.

Ora, a polissemia não é um privilégio exclusivo das fontes imagéticas. Fontes textuais têm também variadas possibilidades de entendimento e dependem também de códigos e subcódigos, como bem salientou Umberto Eco<sup>5</sup>. Cabe ao pesquisador, em ambos os casos, reconstruir suas possibilidades interpretativas na sociedade analisada para não transpassar aquilo que Panofsky chamou de fronteiras possíveis da “violência”<sup>6</sup> da análise. A relevância científica das imagens também já foi largamente reafirmada e teve em Mitchell (1995) e seu *pictorial turn* seu mais aplicado defensor. Para o pesquisador norte-americano a relevância da imagem é facilmente demonstrada quando se observa seu caráter produtor de realidade, para além de sua propriedade retratadora. Em outras palavras, a imagem não é apenas um reflexo da sociedade onde

---

<sup>4</sup> Esta pode ser considerada a questão central do método documentário já citado anteriormente. Trata-se da mudança de foco na análise da fonte: passa-se da pergunta “o que” é essa fonte para a pergunta “como” essa fonte é constituída. Mais em Bohnsack (2007) e Weller (2005b).

<sup>5</sup> Eco utiliza o exemplo da frase “As bistecas de porco são boas e nutritivas, e portanto, comem-se, contanto que nos pertençam”. Em uma cultura européia a frase parece não ter nenhum sentido mais apurado, remetendo talvez ao campo da nutrição ou do direito privado. Pronunciada, entretanto, no contexto de uma sociedade islâmica a frase pode apresentar um novo sentido de rebeldia e resistência aos dogmas religiosos, visto que a carne de porco é vista neste contexto como impura e é por isso proibida. Um convite para provar de seu sabor ganha imediatamente um caráter subversivo. (Eco, 2001. P. 372 *et seqq.*)

<sup>6</sup> Isso porque toda análise deslocada temporalmente já é uma forma de violência contra a significação primordial da imagem, visto que todo analista a enxerga com olhos de seu tempo. Esta violência, entretanto, estaria dentro da fronteira possível. Análises anacronistas seriam assim evitadas através do estudo das tradições envolvidas nas representações, do simbolismo possivelmente envolvido e da história de seus elementos constitutivos. Panofsky fala de uma *Geistgeschichte*, de uma história do tempo e do espírito do tempo. (Panofsky, 2006)

foi produzida, mas também contribui para a formatação da própria sociedade. Isso já era realidade na Roma Antiga com suas estátuas e afrescos, mas é ainda mais evidente na sociedade tecnológica moderna, com seu constante bombardeio visual. As implicações desta dinâmica para os estudos acadêmicos já são percebidas. Apesar disso, a análise de imagens ainda encontra uma resistência descabida dos dois lados do Atlântico.

Este mosaico de experiências que seguiram àquele abril de 2007 revela muito mais que o resultado final de uma tese de doutorado pode transmitir. Revela uma estranheza das semelhanças e uma cristalização das diferenças. Revela também que as distâncias podem não ser tão longas quanto por vezes parecem, mas são infinitamente mais difíceis de serem superadas se a submissão, a falta de investimento e o comodismo tomarem parte da viagem.

## REFERÊNCIAS

BOHNSACK, Ralf. Interpretação de imagens e o Método Documentário. In: **Sociologias**. Porto Alegre, no. 18. Jun/dez 2007. p. 286-311.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MITCHELL, W. J. **Picture Theory** – Essays on verbal and visual representation. Chicago and London: Univ. Chicago Press, 1995.

PANOFSKY, Erwin. **Ikonographie & Ikonologie**. Köln: Kunst Verlag, 2006.

POPPER, Karl. **Logik der Forschung**. Tübingen, 2007.

TARTAKOWSKA, Magda. **Soziale Identitäten der Hochschullehrer/innen und Wissenschaftler/innen mit Migrationshintergrund in Deutschland**. Tese de Doutorado em Desenvolvimento.

WELLER, Wivian. O hip hop como possibilidade de inclusão e enfrentamento da discriminação e da segregação na periferia de São Paulo. In: **Caderno CRH**. Salvador, v.17, no. 40. Jan/abr. 2004. p. 103-115.

\_\_\_\_\_. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, vol. 13, no. 1. 2005a. p. 107-126.

\_\_\_\_\_. A Contribuição de Karl Mannheim para a Pesquisa Qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. **Sociologias**. Porto Alegre, n. 13. Jun/dez 2005b. p. 260-300.